

A FILOSOFIA ELÉTRICA DE SADE

Projeto de pesquisa submetido ao Departamento de Filosofia da Universidade de São Paulo como requisito ao ingresso no programa de pós-doutoramento.

Candidata: Clara Carnicero de Castro

Supervisor: Prof. Dr. Maurício de Carvalho Ramos

Co-supervisor: Prof. Dr. Michel Delon

Agosto/2012

RESUMO: O objetivo deste projeto é examinar as alusões científicas dos personagens de Sade, em especial as relações entre a eletricidade e o orgânico expostas nas teorias filosóficas e nas práticas orgiásticas dos heróis. As referências à eletricidade são recorrentes nos romances do marquês e revelam a identificação do homem a uma máquina elétrica. No século XVIII, as experiências com a energia estabelecem uma ligação inédita entre corpos inertes e corpos vivos, encantando toda uma época. A eletricidade era então apresentada como um fluido invisível, que se propagava por toda parte, tanto no interior quanto no exterior dos organismos. No ser humano, tal fluido circulava dentro dos nervos e comunicava ao cérebro tudo o que acontecia no corpo, agindo sobre cada um dos sentidos. Capaz de influenciar ao mesmo tempo o físico e o mental, o chamado *fluido elétrico*, assimilado ao *fluido nervoso* ou *neural*, impõe-se como um aspecto fundamental no pensamento do marquês. Para este, todas as sensações nascem da comoção causada nessa substância: quanto maior for a agitação das partículas elétricas dos nervos, maior será o prazer. Tudo depende, portanto, da movimentação da eletricidade pelo corpo e das influências externas que ela recebe.

PALAVRAS-CHAVE: 1. Sade, Marquês de, 1740-1814. 2. Século XVIII. 3. Ciências naturais. 4. Eletricidade. 5. Fluido elétrico. 6. Romance filosófico.

INTRODUÇÃO

Muitos dos argumentos enunciados nas obras de Sade, embora frequentemente considerados ultrajantes e até mesmo delirantes, são baseados naquilo que o século XVIII denominava “história natural” e “ciência da natureza”. As duas áreas são bem abrangentes e possuem um sentido peculiar no período. Conforme o “Sistema figurado de conhecimentos humanos”¹ da *Encyclopédie*, a história natural requer o uso da faculdade da Memória, pois trata da descrição detalhada dos corpos da natureza (história celeste, dos meteoros, da terra, do mar, dos minerais, dos vegetais, dos animais e dos elementos). Já a ciência da natureza implica a faculdade da Razão e engloba a física geral, a matemática e a física particular. Esta última disciplina, por sua vez, encerra a zoologia (anatomia, fisiologia, medicina, veterinária), a botânica, a mineralogia, a astronomia e a química. A intersecção entre as duas grandes áreas é bastante significativa: a história natural das plantas, por exemplo, conduz à botânica, a dos

¹ Denis Diderot; Jean Le Rond D'Alembert, *Encyclopédie ou Dictionnaire raisonné des sciences, des arts et des métiers / par une société de gens de lettres; mis en ordre et publié par M. [Denis] Diderot, ... et quant à la partie mathématique, par M. [Jean Le Rond] d'Alembert...*, Paris: Briasson: David: Le Breton; Neuchâtel: S. Faulche, 1751-1765, tomo 1, pp. VLVII-LIII.

animais, à zoologia e a dos minerais, à química².

Ainda que seja difícil delimitar hoje em dia o lugar exato que cada disciplina ocupava nos anos setecentos, é certo que a época do marquês cultivou ardentemente o gosto pela natureza e procurou satisfazê-lo nas atividades científicas, principalmente nas experimentais, observa Claudine Cohen³. Ultrapassando os muros das Academias e das Universidades, a ciência virou moda, tornou-se um “empreendimento coletivo”⁴: aristocratas, intelectuais, artesãos, comerciantes, curiosos, todos presenciavam maravilhados as últimas descobertas reproduzidas publicamente. Assim, o conhecimento científico conquistou um lugar privilegiado na vida intelectual e cultural dos franceses, tornando-se o objeto de “uma verdadeira mania popular”⁵.

No que diz respeito à eletricidade especificamente, cabe notar que os efeitos da fricção não eram novidade naquele tempo. Desde a Antiguidade sabia-se que o âmbar amarelo, denominado *electro* pelos gregos, possuía a propriedade de atrair corpos leves se atritado com um pedaço de lã. Nos séculos XVI e XVII, constatou-se que outros materiais poderiam produzir essa mesma reação. Entretanto, as primeiras máquinas eletrostáticas foram construídas somente no século XVIII⁶. Se no início dos setecentos os fenômenos elétricos eram uma simples curiosidade entre tantos outros prodígios inexplicáveis da natureza, foi justamente na época do nosso polêmico romancista que se acumularam os saberes acerca da eletricidade⁷, apresentada então como um *fluido material* que agia sobre cada um dos sentidos humanos.

Esse *fluido elétrico*, logo assimilado ao *fluido neural* ou *nervoso*, era uma matéria móvel invisível que circulava no interior das cavidades dos nervos e comunicava ao cérebro tudo o que acontecia no corpo. Como possuía a propriedade de queimar, iluminar e estalar, era uma substância constantemente associada ao fogo e à luz⁸. Na *Encyclopédie*, a eletricidade é

2 Ver Pascal Duris, “Histoire naturelle”, in Michel Delon (dir.), *Dictionnaire européen des Lumières*, Paris: PUF, 1997, pp. 544-545.

3 Claudine Cohen, “Sciences (Diffusion et vulgarisation des)”, in Michel Delon (dir.), *Dictionnaire européen des Lumières*, Paris: PUF, 1997, p. 981.

4 Maria da Conceição Ruivo, “O Iluminismo e a Cultura Científica”, in *Laboratório do Mundo: idéias e saberes do século XVIII*, São Paulo: Pinacoteca/Imprensa Oficial, 2004, p. 28.

5 “[...] un véritable engouement public” {Claudine Cohen, “Sciences (Diffusion et vulgarisation des)”, op. cit., p. 979}.

6 Ver Ermelinda Ramos Antunes, “Ciência em Movimento: do Gabinete de Física ao Museu de Física”, in *Laboratório do Mundo: idéias e saberes do século XVIII*, São Paulo: Pinacoteca/Imprensa Oficial, 2004, p. 113 e Christine Blondel; Bertrand Wolff, “Des machines à frotter”, in <<http://www.ampere.cnrs.fr/parcourspedagogique/zoom/18e/machine/>>.

7 Ver Christine Blondel, “Électricité”, in Michel Delon (dir.), *Dictionnaire européen des Lumières*, Paris: PUF, 1997, p. 379 e Gaston Bachelard, *Le rationalisme appliqué*, Paris: PUF, 1949, p. 139.

8 Ver Deprun, “Sade et la philosophie biologique”, in *De Descartes au romantisme: études historiques et thématiques*, Paris: J. Vrin, 1987, pp. 135-136 e Roger Cavaillès, “Le matérialisme électrique et la métaphysique du crime: une lecture épistémologique de Sade”, in *Annales publiées par l'Université de*

definida como o efeito de “*uma matéria muito fluida e muito sutil, diferente por suas propriedades de todas as outras matérias fluidas que conhecemos [...], capaz de se unir a quase todos os corpos, mas a uns preferencialmente que a outros*”⁹. O *Dictionnaire de Trévoux* informa que uma das manifestações da eletricidade, além dos movimentos de atração e repulsão, é “*uma espécie de inflamação que assume diferentes formas e que tem diferentes efeitos*”¹⁰. O *Trévoux* também expõe uma enumeração das proposições do abade Nollet, físico francês famoso no século XVIII pelos estudos no tema. Entre suas várias constatações, ele alega que “*a matéria elétrica está em tudo, no interior como no exterior dos corpos, tanto sólidos como líquidos, e especialmente no ar de nossa atmosfera*”¹¹.

1. A eletricidade e o orgânico no século XVIII

As ideias acerca da eletricidade estão vinculadas ao desenvolvimento da biologia. Sabemos que este termo não poderia ter sido utilizado nem pelo marquês nem por seus contemporâneos, já que a palavra só foi introduzida na França por Lamarck em 1802¹². A despeito do anacronismo, Jean Deprun lembra que o século das Luzes vivenciou a ascensão das ciências da vida e que a difusão dos estudos em história natural fizeram a filosofia biológica preexistir seu nome. D'Holbach e La Mettrie, por exemplo, sustentavam explicitamente uma ligação entre a vida e a eletricidade, constituindo o que Deprun chama, em termos modernos, de “eletrobiologia”¹³. Nesse sentido, Gaston Bachelard¹⁴ explica que, nos anos setecentos, os fenômenos elétricos designavam tanto uma ciência da vida quanto da matéria inerte. Como as pesquisas na área não eram ainda conduzidas por um racionalismo aplicado que reunisse a razão à experiência, as conclusões fundamentavam-se unicamente no empirismo. Acreditava-se então que a experiência podia eliminar todas as falsas hipóteses, validando sozinha o conhecimento, acrescenta Ermelinda Ramos Antunes¹⁵, que julga essa

Toulouse-Le Mirail, Philosophie II, tomo IX, fascículo 6, 1973, pp. 43-45.

9 “[...] *une matière très-fluide & très-subtile, différente par ses propriétés, de toutes les autres matieres fluides que nous connoissons ; que l'on a reconnue capable de s'unir à presque tous les corps, mais à quelques-uns préférablement à d'autres*” (*Encyclopédie*, op. cit., tomo 5, p. 469), (itálico do autor).

10 “[...] *une espèce d'inflammation qui prend différentes formes, & qui a différens effets, suivant les circonstances*” (*Dictionnaire universel françois et latin, vulgairement appelé Dictionnaire de Trévoux: contenant la signification et la définition des mots de l'une et de l'autre langue...*, Paris: Compagnie des libraires associés, 1771, tomo 3, p. 615).

11 “[...] *la matière électrique est partout, au-dedans comme au-dehors des corps, tant solides que liquides, & spécialement dans l'air de notre atmosphère*” (abade Nollet, citado pelo *Dictionnaire de Trévoux*, *ibid.*, p. 616).

12 Conforme Deprun, “Sade et la philosophie biologique de son temps”, op. cit., p. 133.

13 “[...] *électrobiologie [...]*” (*id.*, *ibid.*, p. 134 e p. 136).

14 Bachelard, *Le rationalisme appliqué*, op. cit., pp. 139-141.

15 Antunes, “Ciência em Movimento”, op. cit., p. 27.

concepção do papel da experiência bastante ingênua. As confusões foram de fato inevitáveis.

Os experimentos com o corpo humano eram os que mais maravilhavam o público, mas a dificuldade de determinar se a eletricidade era afinal “um eflúvio dos seres vivos ou um fluido dos seres inanimados”¹⁶ provocou asserções equivocadas. Simon Schaffer¹⁷ aponta que a popularidade das demonstrações não significava necessariamente um aumento da produção de conhecimento, pois o interesse da plateia estava mais na diversão proporcionada pelo espetáculo do que na instrução. Separar uma filosofia natural séria de práticas radicais, entusiastas ou mesmo trapaceiras era uma tarefa extremamente complexa. Com todas as incertezas da realidade, a ficção é requisitada e uma “ciência poética”¹⁸ se reproduz avidamente no imaginário das Luzes. A brecha no racionalismo científico é então preenchida pela metáfora, remata Michel Delon¹⁹.

Com efeito, esclarece o especialista, a época encantou-se com fenômenos que permaneciam parcialmente misteriosos e pareciam vinculados à vida humana²⁰. Com espetáculos surpreendentes, as demonstrações elétricas disseminaram-se rapidamente pela Europa. Em 1745, novos avanços técnicos tornaram a máquina elétrica um instrumento enfim estabilizado. Tal dispositivo produzia enorme tensão mediante o atrito entre almofadas de couro e um grande globo, disco ou cilindro de vidro, colocado em rotação por uma manivela. No ano seguinte, os efeitos da garrafa de Leyden foram divulgados ao mundo científico. Tratava-se de uma espécie de capacitor, composto por uma garrafa de vidro revestida interna e externamente com folhas metálicas, capaz de acumular e armazenar energia. Essa forma primitiva de bateria amplificava a ação da máquina elétrica. O resultado da associação era um barulho terrível e faíscas de dezenas de centímetros de altura que assombravam os espectadores²¹. Paralelamente, outras experiências ligavam a eletricidade ao metabolismo dos animais, à germinação de grãos, a tratamentos medicinais e até mesmo ao princípio da vida. Em suma, a equivalência entre o *fluido elétrico* e o *fluido nervoso* torna-se uma hipótese

16 “[...] un effluve des êtres vivants ou un fluide des êtres inanimés” (Bachelard, *Le rationalisme appliqué*, op. cit., p. 140).

17 Simon Schaffer, “Natural philosophy and public spectacle in the eighteenth century”, in *History of Science*, vol. 21, Bucks, GB: Science History Publications, 1983, p. 11.

18 Ver Deprun, “Sade et la philosophie biologique”, op. cit., p. 147: “[...] Sade a cru à cette science toute mêlée de poésie” e “[...] science [...] plus poétique que vraiment scientifique [...]”.

19 Michel Delon, “*Électriser*, un mot d'ordre au siècle des Lumières”, in *Revue des Sciences Humaines*, n° 281, *L'imaginaire de l'électricité dans les lettres et les arts*, Lille: Faculté de Lettres de l'Université Charles de Gaulle - Lille 3, 1/2006, p. 40.

20 “[...] des phénomènes qui restent en partie mystérieux et qui paraissent liés à la vie humaine” (id., *ibid.*, p. 39).

21 Esse parágrafo foi escrito segundo Blondel, “Électricité”, op. cit., pp. 379-383 e id., Bertrand Wolff, “Des machines à frotter”, in <<http://www.ampere.cnrs.fr/parcourspedagogique/zoom/18e/machine/>>.

corriqueira²².

Delon elucida que todo esse sucesso devia-se “sem dúvida à distância entre o brilho espetacular dos fenômenos e o mistério de suas explicações, mas também à ligação estabelecida entre os corpos inertes e os corpos vivos, os metais e os homens”²³. Com os resultados das pesquisas conduzidas até o momento, principalmente aquelas que utilizavam o corpo humano como objeto, a acepção da eletricidade passa a ser ampla e ambígua: ela “estaria na origem da vida física e *moral*, da saúde corporal e do equilíbrio psíquico, [...] ela se confundiria mesmo talvez com as fontes profundas da existência animal e humana”²⁴.

2. A eletricidade em Sade

Sade acompanha as tendências de seu século e a referência à eletricidade se propaga e se sistematiza em sua obra: “Por intermédio de uma assimilação do influxo nervoso à eletricidade”, o ser humano é definido como uma “verdadeira máquina elétrica”²⁵, observa Delon. Conforme diz o próprio marquês numa nota de rodapé em *Aline et Valcour* (1795), todas as sensações do corpo nascem da comoção causada no fluido neural, que é a “sede da dor e do prazer” e “a única alma admitida pelos filósofos modernos”²⁶. Trata-se, pois, do próprio princípio da vida, revela em *Histoire de Juliette* (1801), a abadessa libertina Delbène, para quem todas as ações humanas dependem do percurso desse fluido pelo corpo e das influências externas que ele recebe. Um homem, diz a devassa, é designado ao crime ou à virtude conforme a disposição de seus órgãos e a excitação de seu fluido neural²⁷.

Logo, fica evidente por que Michel Delon²⁸ e Roger Cavallès²⁹ julgam acertada a

22 Conforme Blondel, “Électricité”, op. cit., pp. 382-383.

23 “[...] sans doute à l'écart entre l'éclat spectaculaire des phénomènes et le mystère de leur explication, mais aussi au lien qui était établi entre les corps matériels et les corps vivants, les métaux et les hommes” (Delon, “*Électriser, un mot d'ordre au siècle des Lumières*”, op. cit., p. 40).

24 “[...] l'électricité serait à l'origine de la vie physique et *morale*, de la santé corporelle et de l'équilibre psychique, qu'elle se confondrait même peut-être avec les sources profondes de l'existence animale et humaine” (id., *ibid.*), (itálico nosso). O termo *moral* aqui designa simplesmente uma oposição com o termo *físico*, no sentido de vida psíquica.

25 “Par l'intermédiaire d'une assimilation de l'influx nerveux à l'électricité, le vocabulaire renvoi à une définition de l'être humain comme véritable machine électrique” (id., *ibid.*, p. 47).

26 “On appelle *esprits animaux*, ce *fluide électrique* qui circule dans les cavités de nos nerfs ; il n'est aucune des nos sensations qui ne naisse de l'ébranlement causé à ce fluide ; il est le siège de la douleur et du plaisir ; c'est, en un mot, la seule âme admise par les philosophes modernes” (Sade, “*Aline et Valcour*”, in *Œuvres I*, Paris: Gallimard/Pléiade, 1990, p. 575), (itálico nosso).

27 Ver Sade, “*Histoire de Juliette, ou les Prospérités du vice*”, in *Œuvres III*, Paris: Gallimard/Pléiade, 1998, pp. 190-191.

28 Ver Delon, “*Électriser, un mot d'ordre*”, op. cit., p. 48.

29 Ver Cavallès, “*Le matérialisme électrique et la métaphysique du crime*”, op. cit., p. 48.

definição de Jean Deprun, que chama a visão de mundo do marquês de *materialismo elétrico*³⁰. Trata-se de um materialismo, pois Sade entende o universo como auto-suficiente e dispensa qualquer causa primeira divina. Quanto à eletricidade, Cavallès³¹ especifica que a autonomia da natureza que funda o ateísmo enunciado por muitos libertinos sadianos repousa numa “concepção anti-cartesiana da matéria”³²: “Mais química do que geométrica”, ela deixa de ser uma “extensão passiva à qual o movimento se ajunta” para tornar-se o “lugar onde as energias se desenvolvem e se mesclam”³³. Assim, a própria matéria já comporta um caráter continuamente ativo que remete à ideia de fluxo elétrico. Não há momentos de inação no movimento das partículas, pois “o universo é uma mistura de seres diferentes que agem e reagem mutuamente e sucessivamente uns sobre os outros”³⁴, ensina Delbène a sua aprendiz, Juliette. Dessa maneira, o marquês emprega a noção de eletricidade para explicar a agitação perpétua da matéria e a autonomia da natureza: “todas as vezes que Sade quer definir objetivamente, de forma racional, o que é o princípio da vida nos animais, nos vegetais e no homem, e de modo mais geral o princípio do dinamismo da natureza, ele recorre à eletricidade”³⁵, enfatiza Deprun.

Mas os efeitos fascinantes dos experimentos das Luzes não param por aí. Gaston Bachelard fala de um “sensualismo da eletricidade”³⁶. Ele cita o “beijo elétrico” – demonstração na qual uma garota eletrizada distribuía beijos sobre um banco isolante – e as “correntes elétricas”, mediante as quais transmitia-se uma comoção elétrica a todo um pelotão de soldados do rei. Se tais experiências mostraram-se estereis para a cultura científica, elas encontraram um solo bastante fértil no romance sadiano. O maravilhamento produzido pela energia na vida real torna-se gradualmente volúpia, transgressão, violência e horror na ficção do marquês.

30 Ver Deprun, “Sade et le rationalisme des lumières”, in Victor Leduc (dir.), *Raison Présente*, n° 3, Paris: Éditions Rationalistes, 1967, p. 79: “Sa vision du monde est ce que j'appellerai un matérialisme électrique”.

31 Cavallès, “Le matérialisme électrique et la métaphysique du crime”, op. cit., p. 40.

32 “[...] une conception anticartesienne de la matière” (id., ibid.).

33 “[...] Celle ci [la matière] n'est plus l'étendue passive à quoi le mouvement s'ajoute mais, représentation plus chimique que géométrique, le creuset où les énergies se développent et s'assemblent” (id., ibid.).

34 “[...] l'univers est un assemblage d'êtres différents qui agissent et réagissent mutuellement et successivement les uns sur les autres” (Sade, “Histoire de Juliette”, op. cit., pp. 216-217).

35 “Toutes les fois que Sade veut définir objectivement, de façon rationnelle, ce qui est le principe de la vie chez les animaux, chez les végétaux et chez l'homme, et plus généralement le principe du dynamisme de la nature, il a recours à l'électricité” (Deprun, “Sade et le rationalisme des lumières”, op. cit., p. 79).

36 “[...] sensualisme de l'électricité” (Bachelard, *Le rationalisme appliqué*, op. cit., p. 141).

3. O gozo elétrico

Tudo começa pelo prazer dos sentidos, que é sobretudo “um fenômeno de eletrização”³⁷, afirma Jean Molino. No interior dos nervos, as partículas elétricas do fluido circulam e “se inflamam sob o efeito dos choques que recebem”³⁸ dos objetos do mundo exterior. Tal inflamação nada mais é do que “eletricidade sensível ao corpo”³⁹, acrescenta Cavaillès. A libertina Clairwil⁴⁰ esclarece que o grau dessa inflamação varia conforme a constituição física de cada um, ou seja, segundo a espessura dos órgãos, a velocidade de transmissão das informações pelo cérebro, a quantidade de fluido no corpo e a rapidez com que as partículas são agitadas. O que determina o ser humano ao vício ou à virtude é principalmente o grau de energia metabolizado pelas operações do sistema nervoso. Se a inflamação causada no fluido for lenta e fraca, conduzirá à virtude. Mas se for rápida e forte, engendrará o crime.

O ministro Saint-Fond completa a teoria de sua comparsa e atesta que, para conhecer toda a força e a magia da lubricidade, é imperativo receber ou produzir sobre o sistema nervoso a maior excitação possível, uma vez que “o prazer é o choque dos átomos voluptuosos [...] que inflama as partículas elétricas que circulam na concavidade dos nervos. Portanto, para que o prazer seja completo, é preciso que o choque seja o mais violento possível”⁴¹. Todavia, com o costume, a luxúria perde o atrativo da novidade e não funciona mais como o tônico desejado. Para fugir da letargia causada pelo hábito da libertinagem, o devasso precisa revigorar os sentidos com excessos progressivamente mais ferozes, amplificando o abalo elétrico no ápice do horror: “Quando os mais odiosos excessos do deboche, quando suas torpezas mais depravadas, quando seus atos mais repugnantes começarem a deslizar sobre teus nervos, reanime-se com crueldades”⁴².

Consequentemente, tudo na orgia é arranjado de modo intencional para promover uma eletrização generalizada. A eletricidade não se aplica, porém, apenas ao deboche, pois ela

37 “[...] phénomène d’électrisation” (Jean Molino, “Sade devant la beauté”, in Centre Aixois d’Études et de Recherches sur le dix-huitième siècle, *Le Marquis de Sade*, Actes du Colloque d’Aix-en-Provence, Paris: Armand Colin, 1968, p. 148).

38 “[...] ces particules s’embrasent sous l’effet des chocs qu’elles reçoivent [...]” (id., *ibid.*, p. 147).

39 “Ce chatouillement, cette irritation, ce piquant, qu’est-ce d’autre, sinon l’électricité sensible au corps ?” (Cavaillès, “Le matérialisme électrique et la métaphysique du crime”, *op. cit.*, p. 43).

40 Ver Sade, “Histoire de Juliette”, *op. cit.*, pp. 422-423.

41 “[...] le plaisir n’est que le choc des atomes voluptueux [...], embrasant les particules électriques qui circulent dans la concavité de nos nerfs ; il faut donc, pour que le plaisir soit complet, que le choc soit le plus violent possible [...]” (id., *ibid.*, p. 482).

42 “Quand les plus odieux excès de la débauche, quand ses turpitudes les plus depravées, quand ses actes les plus dégoûtants, commenceront à glisser sur tes nerfs, ranime-toi par des cruautés [...]” (id., *ibid.*, p. 485).

também se estende às dissertações e mesmo às transições entre os dois gêneros de atividade. Nas aulas da abadessa Delbène, a filosofia *eletriza* a aluna Juliette⁴³, assim como a libertinagem *eletriza* a preceptora celerada⁴⁴. A energia circula entre o físico e o *moral*⁴⁵, num mesmo organismo ou em vários ao mesmo tempo, mantendo o desejo sempre aceso na alternância entre a argumentação e o deboche. É como se teoria e prática, discursos e corpos fossem ligados por uma única corrente elétrica capaz de propagar a energia continuamente num mesmo ciclo:

“A *Histoire de Juliette* desdobra-se num universo atravessado por forças e fluidos onde os corpos não são mais individualizados, mas de uma só vez reduzidos a uma série de órgãos e conectados a outros corpos. O próprio ritmo, das dissertações às cenas, da orgia à teoria, parece assegurado pela corrente elétrica. A jovem Juliette é instruída por Delbène, a iniciação é ao mesmo tempo intelectual e física, a eletricidade é ali produzida pelas fustigações e pelos paradoxos libertinos”⁴⁶.

Vê-se agora com clareza que as alusões à eletricidade multiplicam-se nas dissertações dos libertinos e ganham interessantes desenvolvimentos com os recursos da ficção. Conceitos científicos fundamentam dessa forma os longos discursos dos devassos e dão sentido para asserções que pareceriam estapafúrdias se retiradas dos debates do período. Apoiando-se numa “ciência imperfeita, programática, intuitiva e aventureira, frequentemente mais poética do que verdadeiramente científica”⁴⁷, Sade erigiu um monumento da filosofia sensualista de difícil compreensão. Mas como bem notou Deprun, a “eletrobiologia sadiana”⁴⁸ não é tão singular quanto parece e perde sua excentricidade quando repensada dentro de seu tempo.

Nesse sentido, a grande diferença entre o polêmico romancista e seus colegas ilustrados é que o primeiro forneceu um prolongamento à “teoria elétrica do sistema nervoso”⁴⁹ não previsto pelos segundos. Para o herói sadiano, toda vez que causamos o choque mais violento possível num terceiro, provocamos em nossa sensibilidade (por meio do

43 “Électrisée par ces discours [...]” (id., *ibid.*, p. 225).

44 “[...] vivement électrisée par le libertinage [...]” (id., *ibid.*, p. 184).

45 Novamente, a ideia é de oposição ao físico, no sentido de psíquico.

46 “L’*Histoire de Juliette* se déploie dans un univers traversé de forces et de fluides où les corps ne sont plus individualisés, mais à la fois réduits à une série d’organes et connectés avec d’autres corps. Le rythme même, des dissertations aux scènes, de l’orgie à la théorie, semble assuré par la chaîne électrique. La jeune Juliette est instruite par la Delbène, l’initiation est en même temps intellectuelle et physique, l’électricité y est produite par les fustigations et par les paradoxes libertins [...]” (Delon, “*Électriser*, un mot d’ordre au siècle des Lumières”, *op. cit.*, p. 48).

47 “[...] science imparfaite, programmatique, intuitive et aventurée, souvent plus poétique que vraiment scientifique [...]” (Deprun, “Sade et la philosophie biologique”, *op. cit.*, p. 147).

48 “L’életrobiologie sadienne [...]” (id., *ibid.*, p. 136).

49 “[...] la théorie électrique du système nerveux pour lequel le plaisir équivaut au choc le plus violent [...]” (Michel Delon, “De La Rochefoucauld à Sade, la morale d’un immoraliste”, in *La morale des moralistes*, Paris: Honoré Champion, 1999, p. 218).

sistema nervoso), como num contra-golpe, outro gênero de choque, mas de intensidade semelhante, que nos permite gozar um prazer máximo. É o desdobramento do que Deprun chama de “intensivismo”⁵⁰: o imperativo de sentir a existência intensamente. A equivalência entre o prazer e a crueldade pode ser uma ideia original de Sade, mas o “intensivismo” e a “eletrobiologia” são produtos da Ilustração. Ainda que a metafísica da dor enunciada e praticada pelos vilões sadianos seja chocante e inaceitável, é preciso convir que o único desvio do marquês foi extrapolar uma tendência que já estava em voga em sua época.

JUSTIFICATIVA

As relações entre a obra de Sade e as ciências naturais do século XVIII até hoje foram pouco estudadas. No Brasil, não existe nenhuma publicação a respeito. Mesmo na França, não há muitos artigos que tratem especificamente desse assunto. Podemos citar “Sade et le rationalisme des lumières” (1967) e “Sade et la philosophie biologique de son temps” (1968) de Jean Deprun, juntamente com o “Le matérialisme électrique et la métaphysique du crime: une lecture épistémologique de Sade” (1973) de Roger Cavaillès. Dentre os trabalhos que não abordam Sade exclusivamente, mas dão destaque ao romancista e à questão referida, há o livro indispensável de Michel Delon: *L'idée d'énergie au tournant des Lumières* (1988) e o artigo do mesmo autor “*Électriser, un mot d'ordre au siècle des Lumières*” (2006).

Na realidade, a obra do marquês como um todo, embora tenha sido canonizada na França com as prestigiosas edições da *Bibliothèque de la Pléiade*, continua um raro objeto de pesquisa nas universidades brasileiras. Muitos ainda insistem em desvalorizar o romancista, alegando que seus escritos são aberrantes. Não obstante, o estudo de seus romances revela exatamente o contrário: é possível entender muito da literatura, da filosofia e da ciência setecentista por meio de sua obra. Mediante as declarações de diversos personagens, Sade apresenta uma síntese dos debates mais pertinentes do século XVIII. Em termos mais precisos, ele submete as ideias das Luzes a um processo de subjetivação individual, utilizando a voz de seus vilões para experimentar as diferentes teorias discutidas durante a Ilustração. Logo, examinar o romance sadiano é debruçar-se sobre a história da filosofia, sobre as relações entre várias linhas de pensamento que marcaram os anos setecentos, como materialismo, o deísmo, o otimismo da ética iluminista, o pessimismo dos devotos e dos moralistas, as descobertas e as incertezas dessa ciência ainda intuitiva e aventureira.

50 “[...] intensivisme [...]” (Deprun, “Sade et le rationalisme des lumières”, op. cit., p. 81-83).

Ao longo da elaboração da nossa tese⁵¹ de doutorado, percebemos que é impossível compreender as dissertações filosóficas proferidas pelos libertinos sem apreender essas relações. Inicialmente, vários discursos nos pareciam ininteligíveis, mas o entendimento surgia quando recorriamos à *Encyclopédie*, ao *Dictionnaire de Trévoux*, aos filósofos e naturalistas do período e estudávamos conceitos fundamentais, como a energia, a eletricidade, a geração espontânea, a transmutação da matéria, a metempsicose⁵², etc. Mesmo assim, muitos aspectos do romance sadiano continuam nebulosos e seriam melhor elucidados com uma pesquisa mais detalhada. Para conduzir tal estudo com êxito, uma colaboração entre a Universidade de São Paulo e a Universidade Paris-Sorbonne (Paris IV) seria desejável, pois um estágio pós-doutoral no departamento de Literatura francesa e comparada da Sorbonne proporcionaria uma abordagem mais ampla do tema, enriquecendo nosso trabalho no departamento de Filosofia da USP.

Explica-se: na Universidade Paris IV, trataremos dos aspectos ligados à obra de Sade propriamente dita e das relações entre ciência e literatura no século XVIII, sob a orientação do prof. Dr. Michel Delon. Sendo o organizador das *Œuvres* de Sade na *Bibliothèque de la Pléiade*, suas notas, prefácios e posfácios são uma contribuição valiosa para os estudos sadianos, assim como os incontáveis artigos que publicou sobre o marquês. Além disso, ele é membro permanente do CELLF 17e-18e⁵³, um centro de excelência no estudo da língua e da literatura francesas dos séculos XVII e XVIII, cujo objetivo é justamente aclarar os textos desse período por meio do conhecimento preciso e renovado do contexto histórico. Como o grupo recebe pesquisadores de toda parte do mundo, nas reuniões do laboratório seria possível conhecer os estudos da mesma área que estão sendo desenvolvidos em outros países e colocar em debate nosso próprio trabalho. Convém ainda destacar que, no Brasil, enfrentamos inúmeras dificuldades para consultar publicações encontradas somente no exterior. Por conseguinte, o estágio na Sorbonne é imprescindível para o acesso ao acervo da Biblioteca nacional da França (BnF) *François-Mitterrand*, bem como ao de outras bibliotecas da cidade de Paris.

Na Universidade de São Paulo, por sua vez, desenvolveremos as bases epistemológica

51 Clara Carnicero de Castro, *Os libertinos de Juliette e a libertina de Sade*, tese (doutorado) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Departamento de Filosofia, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2012.

52 A ideia de metempsicose disseminou-se com grande sucesso no século XVIII. O dogma tem origem em Platão e Pitágoras e remete à transmigração das almas que animam sucessivamente diversos corpos até se purificarem. Sade emprega o termo num sentido materialista, sustentando que as almas são porções de matéria passíveis de serem continuamente reorganizadas em diferentes corpos. A alma é, portanto, reduzida à ideia de fluido neural e circula infinitamente pelos corpos.

53 “Centre d’étude de la langue et de la littérature françaises des XVIIe et XVIIIe siècles”.

e histórica da filosofia natural e da ciência moderna sobre as quais nossa pesquisa será estruturada. Para isso, seremos beneficiados com a supervisão do prof. Dr. Maurício de Carvalho Ramos. Formado em Biologia e mestre em Ciências (zoologia), é especialista na área de Filosofia da Ciência e História das Ciências da Vida, sendo portanto o professor mais indicado para orientar nossos estudos no Brasil e nos auxiliar a esclarecer as relações entre a eletricidade e a vida. O laboratório de “História e Filosofia do Orgânico” por ele coordenado nos possibilitará as trocas necessárias com outros pesquisadores para que possamos nos inteirar de uma série de conteúdos científicos e filosóficos sobre o tema.

Enfatizamos, assim, a importância da colaboração entre as duas universidades: se por um lado uma pesquisa sobre a obra do marquês se empobreceria sem a orientação do prof. Michel Delon, o maior especialista em Sade da atualidade, por outro, a análise das alusões científicas seria ineficaz sem a orientação de um especialista na área da Filosofia da Ciência; logo, ambos os professores possuem um papel crucial neste projeto.

OBJETIVOS

De modo geral, o intuito deste projeto é estudar as relações entre o romance sadiano e as ciências naturais do século XVIII. Pretende-se analisar as referências científicas enunciadas principalmente pelos personagens de *Histoire de Juliette* (1801), mas também utilizaremos de forma secundária outros romances, como *Justine ou les Malheurs de la vertu* (1791), *Aline et Valcour* (1795), *La philosophie dans le boudoir* (1795) e *La Nouvelle Justine* (1799). Para tanto, os objetivos foram divididos em duas fases distintas:

- **1ª fase: redação de três artigos sobre a filosofia científica de Sade**

A intenção aqui é trabalhar a correspondência entre a eletricidade e o orgânico em Sade, a partir do conceito de fluido neural. Ao mesmo tempo fisiológico e elétrico, o fluido se impõe como uma chave na interpretação dos escritos do marquês e um aspecto fundamental de seu pensamento. Os dois primeiros artigos serão redigidos em francês para serem publicados em periódicos internacionais. Abordarão, respectivamente, a questão da eletricidade e a relação entre o fluido elétrico e a transmutação da matéria. O terceiro artigo será uma síntese em português dos anteriores para publicação em periódicos nacionais.

• **2ª fase: tradução de trecho da *Histoire de Juliette* com remissão ao *Voyage d'Italie*⁵⁴ e redação de um ensaio introdutório**

Devido ao bicentenário da morte de Sade (2014), o interesse pela publicação de traduções aumentou. Como as obras supracitadas são muito longas e exigiriam um trabalho de vários anos, os professores Michel Delon e Eliane Robert Moraes nos sugeriram a elaboração de um texto cujo título seria *Juliette e Sade em Roma*. O trabalho abordaria trechos dos dois livros que tratam da estadia em Roma da heroína Juliette e do viajante Sade. O clímax da peregrinação romana de Juliette concentra-se na visita ao Vaticano, onde o personagem Papa Pio VI enuncia uma complexa “Dissertação sobre o assassinato”, desenvolvendo vários conceitos científicos, como a metempsicose e a geração espontânea. Dessa forma, pretende-se examinar as alusões científicas do pontífice, propondo notas críticas e um breve ensaio introdutório com base nos estudos anteriormente efetuados.

PLANO DE TRABALHO

Planeja-se trinta meses de pesquisa divididos entre o programa de pós-doutoramento do departamento de Filosofia da Universidade de São Paulo (dezoito meses) e um estágio pós-doutoral no departamento de Literatura francesa e comparada da Universidade Paris IV (doze meses). Bolsas já foram solicitadas em três agências de fomento diferentes, prevendo duas possibilidades de estágio no exterior conforme os cronogramas das próprias agências: 01/11/2012 → 31/10/2013 (CNPq) ou 01/01/2013 → 31/12/2013 (Capes/Fapesp). O plano de trabalho e cronograma abaixo presumem o segundo período previsto (Capes/Fapesp), mas serão obviamente adaptados caso haja implementação de bolsa CNPq. Optou-se por começar o quanto antes o estágio na França por conta do acesso ao acervo da BnF, extremamente necessário a esta pesquisa. Antes do retorno ao Brasil, bolsas de pós-doutoramento no país serão solicitadas.

Na Universidade de São Paulo, o segundo semestre de 2012 será consagrado à pesquisas bibliográficas na biblioteca da FFLCH e aos seminários do grupo de estudos “História e Filosofia do Orgânico”. Consultaremos a bibliografia já levantada pelo prof. Maurício de Carvalho Ramos sobre a relação entre eletricidade e vida referente em sua maior parte ao século XIX. Dela tentaremos achar pontes de comunicação para o século XVIII. Paralelamente, redigiremos o artigo “Paradoxes du personnage de Clairwil dans l'*Histoire de*

⁵⁴ Sade, *Voyage d'Italie ou Dissertations critiques, historiques et philosophiques sur les villes de Florence, Rome, Naples, Lorette et les routes adjacentes à ces quatre villes...*, Paris: Fayard, 1995.

Juliette”, já aceito para publicação na edição *Sade et les femmes* do periódico *Itinéraires (Littérature, Textes, Cultures)* e cujo prazo de entrega é o dia 15 de setembro. De 17 de setembro até o fim de novembro, trabalharemos na edição da nossa tese de doutorado, “Os libertinos de Juliette e a libertina de Sade”, para publicação conforme a sugestão dos membros examinadores da banca de defesa. A semana do dia 22 de outubro será reservada à viagem a Curitiba para a participação no XV Encontro Nacional da ANPOF, onde apresentaremos a comunicação “A filosofia elétrica do Marquês de Sade”.

Se contemplados com a bolsa de estágio pós-doutoral da Capes ou da Fapesp, pediremos afastamento do programa da FFLCH a partir de 1º de janeiro de 2013. Após a chegada a Paris, dedicaremos os meses de janeiro, fevereiro e março a pesquisas bibliográficas na BnF. Começaremos consultando os livros de Marcello Pera, *La rana ambigua: la controversia sull'elettricità animale tra Galvani e Volta* (1986) e Jean-Paul Poirier, *Un électricien des Lumières en province: l'abbé Bertholon* (2008). Verificamos que tais textos não constam dos acervos da Usp ou da Unicamp, mas estão disponíveis no catálogo da BnF. Tentaremos encontrar os anais do colóquio internacional *L'électricité et le vivant: Perspectives historiques, XVIIIe-XXe siècles*, organizado por Christine Blondel e Anne Rasmussen e apresentado em Paris, na *Cité des Sciences et de l'Industrie*, em 23 e 24 de novembro de 2006.

Durante todo o ano escolar francês, frequentaremos os seminários doutorais do CELLF 17e-18e e os seminários de mestrado do departamento de “Literatura francesa e comparada” que forem pertinentes à pesquisa, além de eventos organizados pelo centro e pelo departamento, como colóquios, palestras e conferências relacionados ao nosso estudo. Os meses de abril e maio/2013 serão utilizados para a redação do primeiro artigo em francês a respeito da filosofia elétrica de Sade. Terminada a redação do texto, retomaremos as pesquisas bibliográficas na BnF durante junho, julho e agosto. Continuaremos trabalhando com a eletricidade, mas também estudaremos outros aspectos da biologia setecentista, como a geração espontânea e a metempsicose, de modo a estabelecer uma correspondência. A intenção é redigir entre setembro e outubro o segundo artigo em francês acerca da relação entre o fluido elétrico e a transmutação da matéria. Finalizaremos os estudos na BnF em novembro. Redigiremos em dezembro, agora em português, o terceiro artigo com a síntese da pesquisa desenvolvida ao longo do ano de estágio.

Retornaremos ao Brasil no dia 31 de dezembro/2013 e retomaremos as atividades no grupo de estudos “História e Filosofia do Orgânico” a partir de março/2014. Os seis primeiros meses em São Paulo serão dedicados à tradução do trecho escolhido da *Histoire de Juliette*

Ano:	2014					2015
Local:	São Paulo/USP					
Atividade/mês:	ago	set	out	nov	dez	jan
Seminário “História e Filosofia do Orgânico”.						
Elaboração notas e remissões.						
Redação do ensaio introdutório.						
Revisão do texto completo.						

BIBLIOGRAFIA CONSULTADA

ANTUNES, Ermelinda Ramos. “**Ciência em Movimento: do Gabinete de Física ao Museu de Física**”, in *Laboratório do Mundo: idéias e saberes do século XVIII*. São Paulo: Pinacoteca/Imprensa Oficial, 2004.

BACHELARD, Gaston. *Le rationalisme appliqué*. Paris: PUF, 1949.

BLONDEL, Christine. “**Électricité**”, in Michel Delon (dir.), *Dictionnaire européen des Lumières*. Paris: PUF, 1997.

_____; WOLFF, Bertrand. *Des machines à frotter*, in <<http://www.ampere.cnrs.fr/parcourspedagogique/zoom/18e/machine/>>.

CASTRO, Clara Carnicero de. *Os libertinos de Juliette e a libertina de Sade*. Tese (Doutorado) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas. Departamento de Filosofia, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2012.

CAVAILLÈS, Roger. “**Le matérialisme électrique et la métaphysique du crime: une lecture épistémologique de Sade**”, in *Annales publiées par l'Université de Toulouse-Le Mirail*, Philosophie II, tomo IX, fasc. 6. Toulouse: Université de Toulouse-Le Mirail, 1973.

COHEN, Claudine. “**Sciences (Diffusion et vulgarisation des)**”, in Michel Delon (dir.), *Dictionnaire européen des Lumières*. Paris: PUF, 1997.

DELON, Michel. *L'idée d'énergie au tournant des Lumières (1770-1820)*. Paris: PUF, 1988.

_____. (dir.). *Dictionnaire européen des Lumières*. Paris: PUF, 1997.

_____. “**De La Rochefoucauld à Sade, la morale d'un immoraliste**”, in *La morale des moralistes*. Paris: Honoré Champion, 1999.

_____. “**Électriser, un mot d'ordre au siècle des Lumières**”, in *Revue des Sciences Humaines*, n° 281, *L'imaginaire de l'électricité dans les lettres et les arts*. Lille: Faculté de Lettres de l'Université Charles de Gaulle - Lille 3, 1/2006.

DEPRUN, Jean. “**Sade et le rationalisme des lumières**”, in Victor Leduc (dir.), *Raison Présente*, n° 3. Paris: Éditions Rationalistes, 1967.

_____. “**Sade et la philosophie biologique de son temps**” in *De Descartes au romantisme: études historiques et thématiques*. Paris: J. Vrin, 1987.

DICIONNAIRE universel françois et latin, vulgairement appelé Dictionnaire de Trévoux: contenant la signification et la définition des mots de l'une et de l'autre langue. Paris: Compagnie des libraires associés, 1771.

DIDEROT, Denis; ALEMBERT, Jean Le Rond D'. *Encyclopédie ou Dictionnaire raisonné des sciences, des arts et des métiers / par une société de gens de lettres; mis en ordre et publié par M. [Denis] Diderot,... et quant à la partie mathématique, par M. [Jean Le Rond] d'Alembert...* Paris: Briasson: David: Le Breton; Neuchâtel: S. Faulche, 1751-1765.

DURIS, Pascal. “**Histoire naturelle**”, in Michel Delon (dir.), *Dictionnaire européen des Lumières*. Paris: PUF, 1997.

MOLINO, Jean. “**Sade devant la beauté**”, in Centre Aixois d'Études et de Recherches sur le dix-huitième siècle, *Le Marquis de Sade*, Actes du Colloque d'Aix-en-Provence (19-20 février 1966). Paris: Armand Colin, 1968.

RUIVO, Maria da Conceição. “**O Iluminismo e a Cultura Científica**”, in *Laboratório do Mundo: idéias e saberes do século XVIII*. São Paulo: Pinacoteca/Imprensa Oficial, 2004.

SADE. “**Aline et Valcour**”, in *Œuvres I*. Paris: Gallimard/Pléiade, 1990.

_____. “**Histoire de Juliette, ou les Prospérités du vice**”, in *Œuvres III*. Paris: Gallimard/Pléiade, 1998.

SCHAFFER, Simon. “**Natural philosophy and public spectacle in the eighteenth century**”, in *History of Science*, vol. 21. Bucks, GB: Science History Publications, 1983.

BIBLIOGRAFIA A SER CONSULTADA

ALDINI, Giovanni. *An account of the late improvements in galvanism: with a series of curious and interesting experiments performed before the commissioners of the French National Institute, and repeated lately in the anatomical theatres of London*. London: Printed for Cuthell and Martin ... and J. Murray ... , by Wilks and Taylor ..., 1803.

EHRARD, Jean. *L'idée de nature en France dans la première moitié du XVIIIe siècle*. Paris: A. Michel, 1994.

PERA, Marcello. *La rana ambigua: la controversia sull'elettricità animale tra Galvani e Volta*. Torino: Einaudi, 1986.

POIRIER, Jean-Paul. *Un électricien des Lumières en province: l'abbé Bertholon*. Paris: Hermann, 2008.

PROCHIANTZ, Alain. *La biologie dans le boudoir*. Paris: O. Jacob, 1995.

SADE. “**Justine ou les Malheurs de la vertu**”, in *Œuvres II*. Paris: Gallimard/Pléiade, 1995.

_____. “**La Nouvelle Justine, ou les Malheurs de la vertu**”, in *Œuvres II*. Paris: Gallimard/Pléiade, 1995.

_____. *Voyage d'Italie ou Dissertations critiques, historiques et philosophiques sur les villes de Florence, Rome, Naples, Lorette et les routes adjacentes à ces quatre villes...* Paris: Fayard, 1995.

_____. “**La Philosophie dans la Boudoir**”, in *Œuvres III*. Paris: Gallimard/Pléiade, 1998.

TERRALL, Mary. “**Salon, Academy, and Boudoir: Generation and Desire in Maupertuis's Science of Life**”, in *History of science society, Isis*, vol. 87, n° 2. Chicago, The University of Chicago Press, jun/ 1996.